

TRIBUNA Livre

2
NOVEMBRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR ANTONIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

O acto eleitoral de amanhã

Realizam-se, amanhã, as eleições para deputados. A imprensa diária, as estações emissoras e as sessões de propaganda disseram já o bastante sobre esse importante acto.

Não é demais; todavia, que neste jornal se digam algumas palavras àqueles que têm a faculdade de votar e que, dentro dos deveres cívicos que competem à sociedade, tem a obrigação de votar.

Muito se disse sobre o que de bom tem o Regime e muito se pretendeu dizer que ele tem de mau. Uma das coisas em que muito se falou e sobre a qual sentimos o dever de dizer alguma coisa, por nos dizer mais directamente respeito, foi a censura.

Atribuíram-se-lhe responsabilidades de toda a natureza dizendo-a culpada de mil coisas. Ninguém melhor do que as pessoas dos jornais sabe que a censura existe e quais são os seus efeitos e o seu trato.

Gostaríamos que ela não existisse por duas razões: uma porque seria menos um organismo burocrático a complicar-nos a vida, outra porque implicitamente o seu desaparecimento significaria que tínhamos atingido um nível cívico satisfatório.

Mas o que não achamos certo é que se atribuam à censura circunstâncias que lhe não cabem. Diz-se que ela corta e recorta, que se não critica porque ela não deixa, que se não expõe porque ela é intolerante.

Aqui é que nós não concordamos por amor à verdade. A censura, ao fim e ao cabo, é suficientemente benevolente para permitir que se critique e se critique duramente.

Quem tiver acompanhado a vida deste jornal sabe que ele publicou ataques claros e incisivos contra certos homens públicos e seus actos e até contra determinados organismos políticos e no entanto

ninguém duvida que a censura deixou que tudo passasse.

Nós podemos dizer, só com a intenção de repor a verdade em seu lugar, que se por vezes não fomos mais longe e todos sabem como fomos violentos — foi porque o não quisemos pois em certos casos éramos nós a amenisar as notícias mesmo depois de censuradas.

A maior censura está nas redacções. É nelas que se corta muito porque não se

(Continua na 4.ª página)

O HOMEM E O NÚMERO

Por Millão Portó

Vai longe o tempo da Escola. Mas jamais olvidamos certo professor que, ao falar dos seus alunos com alguém, nunca os tratava como tal, mas apenas por unidades. Quer dizer: se tinha de se referir à quantidade que leccionava, dizia sempre leccionar «x» unidades e, cada unidade, evidentemente, era um aluno.

Como tínhamos oportunidade de assistir, volta e meia, a muitas das suas conversas, embora tivéssemos verdadeira antipatia por este tratamento, acabamos por nos convenceremos que o senhor professor tinha razão.

Hoje, a cerca de quarenta anos de distância, mais arreitados estamos ao número, seja

aquela unidade a que o professor invariavelmente aludia e sobre a qual ele, para nós se tornou profeta.

De facto, a era que vivemos é a do algarismo. É a era da unidade. Tempo virá, e sem demora, que o Homem terá de viver sob a égide do «robot», sob o império mecanizado do dia-a-dia, sem necessidade de pensar, de agir, de colocar o espírito ao serviço da sua acção porque uma ficha actualizada permanentemente lhe indicará por gráfico, qual a sua posição na escala da vida.

Se analisarmos, mesmo sumariamente, a velocidade imprimida às máquinas mais modernas, desde a impressora automática à espantosa velocidade do «Sputnik», podemos desde já avaliar o que será o mundo do Ano dois mil.

E feita, presumivelmente, uma estimativa verificamos que o próprio Estado, ou melhor: os Estados não poderão controlar a evolução da Técnica, nem socialmente poderão acompanhá-la.

A Técnica já de há anos

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Bisneto de João Ferreira e de sua m.er Joanna da Silva, e esta filha legítima de Domingos Pinheiro e de sua m.er Maria da Silva, q. foy filha de Gaspar da Silva e de sua m.er Catherina Gonçalves da freguezia da Torre o qual Gaspar da Silva foy filho de Francisco Afonso e de sua m.er Ignacia da Silva moradores na dita freguesia da Torre, e a dita Ignacia da Silva foy filha de Tristão Feyo da Cunha e de sua m.er Constança Ferras filha de Gaspar da Silva Cavalleyro Fidalgo de minha caza e de sua m.er (vem a 2.ª fl. com o desenho do brasão iluminado, como adiante se escreve) D. Izabel moradores q. forão na dita freguesia da Torre, e que os ditos seus Pays e Avos forão pessoas nobres das ditas famílias de Silvas e Ferreyras, e aparentados cõ as de mayor qualidade da sua provincia e como tais se tratarão a ley da nobreza servindo os cargos nobres do seu concelho — sendo fidalgos de cotta de Armas, e que ao supp. e como seu descendente lhe pertence o mesmo previllegio e Armas. As quais lhe mando dar em minha carta com seu Brazão, Elmo e Timbre como aqui são devizadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acharão illuminadas e registadas em os livros do dito Portugal meu Rey darmas. — A saber — Hum escudo partido em pallas, na primeira as Armas dos Silvas que são em campo de prata hum leão de purpura armado de azul. Na segunda palla as Armas dos Ferreyras, que são em campo sanguinho quatro fexas de ouro. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Timbre o dos Silvas, que he o mesmo leão das Armas. E por differença hua brica azul com um crescente de ouro. O qual escudo e Armas podrá trazer e traga o dito António Fernandes da Silva assim como as troucerão, e dellas uzarão os ditos nobres, e antigos fidalgos seus antepassados em tempo dos muy esclarecidos Reys meus antecessores, e com ellas possa

(Continua na 4.ª página)

Estação Regional dos C. T. T.

Segundo comunicação oficial recebida esta semana, foi criada, na Feira Nova — Largo do Dr. Oliveira Salazar — uma Estação Regional dos C. T. T.

Decisão justa, vem beneficiar o maior, mais comercial e industrial centro do concelho que, pelo movimento verificado, de há muito, merecia esta decisão.

A notícia despertou a maior satisfação entre todos, motivo porque foram expedidos grande número de telegramas a manifestar às entidades responsáveis o regozijo e o agradecimento de todos.

Trata-se de um beneficio para o concelho mórmente para esta terra progressiva e bairrista que contava este caso entre as suas aspirações mais instantes e que por ele se vinha a interessar particularmente.

Também, daqui, expressamos o nosso agradecimento e o nosso louvor a quem de direito pela justiça o pelo acerto da decisão tomada.

Interesses de Entre-Homem e Cávado

III

ASPECTO ECONÓMICO

Temos vindo a tratar, nos dois artigos anteriores, dos vultosos problemas da divisão judicial e do turismo, para tratarmos finalmente do aspecto económico desta fértil região de Entre-Homem e Cávado.

Os dois assuntos tratados, só por si, representam um programa económico pelo considerável interesse que merecem também sob este aspecto, visto que muito concorreriam para a elevação do nível de vida dos «interâmnicos».

A instalação da sede comarcã, traria para entre nós valiosos elementos económico-sociais, como a magistratura e o funcionalismo judicial e suas famílias, melhor volume comercial pela deslocação mais assídua de liti-

gantes, advogados e depoentes, a construção de casas para a magistratura, etc.; ainda, a melhoria das vias de comunicação e a restauração dos monumentos históricos, a execução dos planos urbanísticos, o melhoramento e criação de novos motivos de atracção, a par do seu valor próprio, seriam também importantes factores económicos; e mais tarde, a corrente turística criada por estes motivos de valorização seria, indubitavelmente, outro valioso índice de progresso, mais estável e servindo melhor ainda a economia desta região.

Mas, necessariamente, a verdadeira base económica da nossa terra é essencialmente agrícola e, portanto, o fortalecimento de sua economia

está ligada, muito de perto à solução dos problemas da agricultura — à programação do seu fomento e das possíveis indústrias com ela relacionadas — com o verem os adiante.

O mal que tem atormentado persistentemente o concelho de Amares, deve-se à falta de devoção pelos problemas de interesse público e muitas vezes à intolerável falta de visão dos seus dirigentes, durante dezenas de anos, com raras excepções.

A essa falta de visão e desinteresse devemos o estagnamento económico em que nos encontramos.

Poderíamos, por exemplo, ter hoje entre nós algumas

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

NA "IDADE PERIGOSA"

os adolescentes precisam mais dos adultos

A maneira como os acontecimentos evoluem depende muitas vezes, senão sempre, do curso que nós lhe damos.

Isto sucede com os adultos e muito especialmente com os adolescentes.

Há uma idade em que a tendência para a contradição é qualquer coisa de aflitivo.

Uma vontade, uma inclinação despontam... Se ninguém atentar numa ou noutra, a maior parte das vezes essa vontade e essa inclinação desaparecem sem deixar vestígios.

Se porém, se lhes dá importância, contrariando-as, é certo que lhes damos forma, e enraizamos aquilo que não passava de uma flor efêmera, pronta a desfolhar-se por si.

Isto sucede principalmente no capítulo dos «flirts». Os pais, e sobretudo as mães, devem manter-se vigilantes, e desviar as companhias que não convêm, mas nunca, por principio algum, dar batalha a uma coisa que às vezes não passa de uma brincadeira, e que não chega a ser sentimento.

Se se contrariar, falar, repisar o assunto, é certo que o resultado será oposto ao que se deseja.

Afinal, quer nos 15, 16, ou 17 anos, o adolescente de um ou de outro sexo é exactamente como a criança à qual pretendemos tirar um brinquedo. A desistência virá tanto mais depressa quanto menos interesse mostrarmos.

E se a atitude dos pais se revestir de violência e contrariedade sistemática, então é que é certo estar batalha perdida, pois sucede que a tática seguida pela parte contrária passará a ser dissimulação, o segredo, o esconderijo...

O perigo mais grave que pode existir entre filhos e pais, é a falta de confiança e de sinceridade, o que ocorre sempre que o modo substitui o respeito.

É isto a explicar que o modo dos nossos dias é diferente... Dantes, receava-se que os pais castigassem ou ralhassem; hoje receia-se que eles importunem ou aborrecam. Mudanças que o tempo traz, e que — nem sempre — são para melhor...

É muito diferente, em todos os países, a ordem do cortejo à entrada da igreja. Entre nós é o pai da noiva que a conduz, pelo braço, até junto do altar. O noivo fica ao lado direito da noiva. Os noivos ajoelham-se para trocar os anéis e receberem a benção final. Terminada a cerimónia religiosa, reúnem-se todos os convidados em casa da noiva onde é servido o copo-d'água. No lugar de honra, sentam-se os recém-casados; junto deles ficam os pais. Depois seguem-se os hóspedes de acordo com a idade e o parentesco. O primeiro brinde é erguido pela pessoa mais categorizada; o noivo não é obrigado a responder. Os presentes devem ser entregues alguns dias antes do casamento. Se o convidado não pôde aparecer, deve mandar, além da carta que o desculpa, um telegrama de parabéns no próprio dia do casamento.

Visado pela Censura

Culinária

Bacalhau à Berta

Leva-se ao lume: leite, salsa picada em quantidade, bastante alho, pimenta, manteiga, bocadinhos de toucinho, azeite e deixa-se ferver na caçarola por espaço de dez minutos. Deve ter-se bacalhau cozido que faça lascas e batata também cozida. Parte-se o bacalhau em pequenos bocados e o mesmo se faz à batata. Junta-se tudo a ferver por outro tanto tempo. Faz-se um pouco de creme com farinha de trigo, leite e manteiga, que fique bastante forte. Quando esteja para ir para a mesa, mistura-se este creme ao bacalhau.

Costuma fazer-se este cozinhado à última hora, para servir de entrada. É bom, cozinhado com cuidado. Para dez pessoas, pode calcular-se meio litro de leite, e todos os mais temperos são com abundância.

Frango com arroz à valenciana

Corta-se o frango aos bocados. Faz-se um refogado com cebola picada e azeite ou banha, conforme o gosto de cada um: deixa-se alourar, bem, sem queimar, e junta-se-lhe o frango, que se cozinha em pouco, com tomates, um ramo de cheiros, pimentos aos bocados, sal, pimenta e um pouco de água.

Deixa-se ferver algum tempo e deitam-se-lhe camarões, ervilhas e a água precisa para o arroz. Levantando fervura, junta-se-lhe o arroz e deixa-se cozer em cima do fogão indo depois para o forno para acabar de cozinhar e alourar. Serve-se no próprio prato em que foi frido. É preferível e fica muito mais gostoso se for cozinhado numa caçarola de barro vidrado, que vai para a meza envolvida num guardanapo.

Doce rápido

Açúcar pilé 250 gramas; vidrado de um limão; gemas de ovos 8; claras 4 e canela q. b.

Toma-se o açúcar, que deve ficar em ponto de espadana larga, juntando-lhe, quando se põe ao lume com água, o vidro do limão.

Tira-se para fora do lume, deixa-se arrefecer um pouco e juntam-se as gemas de ovos bem batidas. A mistura volta ao lume a enxugar até deitar estrada larga no fundo do tacho.

Tira-se então para fora e, enquanto esfria, batem-se as claras em castelo e junta-se à massa, mexendo tudo muito bem. Depois de adicionadas as claras não volta ao lume, deita-se numa travessa e serve-se depois de frio, polvilhado ou não com canela.

O que pode desejar uma mamã parturiente

As futuras mães sentem às vezes um desejo tão grande de comer carvão que se levantam ao meio da noite e vão às escondidas, até à carvoaria, onde se satisfazem com um punhado de pó de carvão — revela um relatório organizado por dois peritos de assuntos alimentares, a pedido do Ministério da Agricultura.

O relatório enumera 187 substâncias pelas quais as senhoras que esperam um bebé costumam experimentar especial atenção. Além de carvão, parecem ter inclinação especial pelo gosto da pasta dentífrica e pela cal.

Entre vários casos, o documento relata o de senhoras que preparam verdadeiros «banquetes de sal, pimenta, mostarda e vinagre e o de uma que chegou a arrancar um pedaço de estuque da parede da sua casa, para mastigar.

Conserva

de pêssegos

1 litro de aguardente boa e 1 quilo de açúcar; 1 quilo de pêssegos, pesados já sem pele e sem caroço. Junta-se o açúcar à aguardente e mexe-se bem, até dissolver. Lance-se por cima da fruta e tape-se bem o recipiente.

No fim de um mês coe-se o líquido através de um pano fino. Metam-se os pedaços de fruto em frascos de boca larga e lança-se-lhes por cima o líquido coado e rolha-se de maneira que fique bem vedado. Convém cobrir a rolha com parafina liquefeita a banhotaria.

A falta de liberdade para o tratamentos dos problemas íntimos

é hoje, o maior problema dos adolescentes

Muitos educadores e psicólogos acham que o maior problema dos adolescentes é a falta de liberdade de tratarem dos seus problemas íntimos visto quase todos os seus gestos serem objecto do controle de outrem.

Uma criança que começa a crescer e a entrar na adolescência quer ter a oportunidade de, por vezes, se afastar de outras pessoas pensar sozinho nos seus problemas, escolher os programas de rádio que mais gosta, ter um sítio onde onde possa estar com os seus amigos e onde possa dar largas à sua imaginação e fantasia.

Uma solução para este problema é destinar-lhe uma parte da casa ou, pelo menos, um quarto. Se tiver, que partilhar um quarto, devem indicar-lhe qual a parte que lhe é destinada e quais os móveis que são só seus.

Técnicos no assunto afirmam que o adolescente deve ser autorizado a emitir a sua opinião sobre a decoração e o arranjo do seu quarto. Muitos jovens gostam que os móveis venham em branco e serem eles a escolher as cores e a pintá-los.

Uma cama-divã é uma peça de mobiliário muito útil para o quarto de um adolescente e onde ele pode repousar de dia e dormir bem de noite. Uma secretária com o respectivo candeeiro e estantes prateleiras abertas, ou seja das mais simples, são peças de mobiliário muito do agrado dos jovens. Na estante poderá arrumar os seus livros à vontade e colocar ali os seus entretenimentos favoritos.

O adolescente enfrenta muitos problemas, por vezes inesperados e imprevisíveis.

A maior parte dos pais e dos psicólogos chegou à conclusão que um quarto confortável, convidando ao estudo e ao recreio, mobilado convenientemente com intimidade, ajuda muito a formar o carácter do jovem.

Regras de Etiqueta o casamento

Duas semanas antes do casamento enviam-se os convites. O convidado é obrigado a responder imediatamente para que saibam se podem contar com ele ou não. Hoje já não são obrigatórios os grandes casamentos com convites extensivos a todos os parentes e amigos. Em muitos casos, os noivos preferem o casamento à capucha, muito íntimo. Alguns há que se dirigem à igreja de uma aldeia próxima, para fugirem aos olhares da multidão. A toilette da noiva deve estar de acordo com os seus meios. O mais belo vestido é o de seda branco, com véu e coroa de mirtos ou flores de laranjeira. Nas mãos, nada de mais belo do que o clássico ramo de flores. As damas de honor usam vestidos leves, claros e iguais. Se a noiva já não é muito nova, deve vestir um elegante traje de viagem.

"David," Cabelheiro



Minhas Senhoras:

Este é o moderno

salão que deve

preferir.

Av. Marechal Gomes da Costa

N.º 754-2.º (com elevador)

BRAGA

TRIBUNA do CONCELHO

Bombeiros Voluntários

Brigadas de briosos bombeiros voluntários têm percorrido e continuam a percorrer várias freguesias do Concelho no costumado pedidório de S. Miguel, animados pelo engrandecimento da Corporação que tanto estimam e a que dedicam todo o seu zelo.

Este pedidório, embora de proporções modestas, pode ser um bom contributo para a obra que se quer levar a cabo e portanto espera-se que em toda a parte sejam bem recebidos e estimados como soldados da paz, que realmente são, sempre prontos às nossas solicitações nas marés da vida mais aflitivas. Vida por vida é o mais sedutor dos títulos e nele se encerra um mundo de sentimentos.

Respeitemos estes nobres sentimentos e animemo-los com a nossa boa vontade, com os nossos donativos, com tudo o que possa concorrer para estimular o ideal nobre do bombeiro.

NECROLOGIA

Faleceram:

Na freguesia de Rendufe—O Sr. António José Barbosa, casado, com 36 anos de idade no passado dia 13 do corrente e o Sr. Firmino de Araújo, casado, com 59 anos de idade, no passado dia 16 do corrente.

Na freguesia de Lago—A Sra. Rufina Rosa Vieira, viúva, com 68 anos de idade, no passado dia 17 do corrente e a Sra. Maria Aurora Braga, viúva, com 48 anos de idade, no passado dia 28 do corrente.

Na freguesia de Vilela—O Sr. António José Esteves, casado, com 59 anos de idade, no passado dia 18 do corrente.

Na freguesia de Goães—O Sr. José António de Araújo, casado, com 41 anos de idade, no passado dia 24 do corrente.

Na freguesia de S. Vicente do Bico—O sr. Albino da Cunha, casado, com 71 anos de idade, no passado dia 19 do corrente.

Na freguesia de Caires—O Sr. Albino Gonçalves, casado, com 54 anos de idade, no passado dia 27 do corrente.

Na freguesia de Ferreiros—O menino Artur de Jesus da Silva Rebelo, com 11 anos de idade, no passado dia 27 do corrente.

Novos assinantes

Temos presentes duas cartas do nosso ilustre assinante sr. Abílio José de Freitas, actualmente em Lisboa, o qual nos indica três novos assinantes que com todo o prazer os registamos: São eles:

Jaime da Silva, Victor Manuel Domingos da Silva e Eduardo Venâncio Ribeiro, todos naturais da freguesia de Bouro, e presentemente em Lisboa.

Temos na realidade de salientar este nosso estimado assinante que desde que o é, jamais se poupou a esforços para conseguir que o nosso jornal seja mais divulgado e que o seu número de assinantes seja aumentado. Para isso, tem-nos enviado novas assinaturas pelo que desde já lhe estamos muito reconhecidos.

Por indicação do sr. Domingos Manuel Antunes, de Santa Marta de Bouro tivemos o prazer de registar como novo assinante o sr. Manuel Antunes, actualmente no Canadá.

A passar um período de férias, encontrava-se entre nós, na sua residência do Pilar, o sr. António Rodrigues de Almeida, importante comerciante, na praça de Lisboa.

Antes, porém, do seu regresso à capital, esteve junto de nós de visita a esta redacção a apresentar cumprimentos, dando-nos a honra de se inscrever como novo assinante.

Gratos pela sua gentileza.

Por intermédio do sr. Manuel Joaquim Dias, nosso estimado assinante, tivemos o prazer de inscrever o sr. Manuel Joaquim Pereira Dias Felgueiras, natural de Bouro, e actualmente em Baixo Alentejo.

Gratos pela deferência e já lhe enviamos o presente número.

Vida elegante

Aniversários

Terça-feira—A gentil menina Estela Arantes Meneses.

Sexta-feira—O Sr. António Sá Coutinho Russell.

De regresso à capital

Depois de ter procedido «in loco» ao necessário estudo histórico das freguesias deste concelho, trabalho árduo que poucos poderão avaliar — que muito poucos poderão compreender o quanto é necessário ser competente e dedicado para o realizar—seguiu para Lisboa, onde exerce a sua actividade, o nosso máximo colaborador e autor da Monografia do Concelho de Amares, Ex.mo Sr. Domingos M. da Silva.

De lá nos continuará a enviar a sua valiosíssima colaboração, que iremos trazendo a público até à conclusão desta tão útil como necessária obra à vida concelhia, como se já tem visto neste salutar recordação histórica que faz reascender o facho acrisolado do amor à terra e às suas nobres tradições.

Reconhecidos pelos cumprimentos de despedida que nos foram feitos, desejamos ao Professor Domingos M. da Silva prosperidades e muita saúde.

PELO TRIBUNAL

Está semana, entraram no tribunal, os seguintes processos de transgressão; contra:

Maria de Jesus Fernandes, comerciante, do lugar Novo—Ferreiros.

—Juvenal Alves Victoriano, do mesmo lugar;

—Guilherme Pinheiro, do lugar de Casais—Ferreiros;

—José Machado, do lugar do Monte—Ferreiros;

—Joaquim Gonçalves, do lugar do Bário—Ferreiros;

—Fernando Gomes da Silva, do lugar das Pinheiras—Besteiros;

—Alberto Cerqueira, do lugar do Bário—Ferreiros;

—Delfim Tinoco, de Queirões—Barreiros;

—Augusto de Jesus de Sousa Antunes, de Santa Marta;

—Albino da Silva, de Santa Marta;

—Deolinda da Costa, de Carrazedo;

—João de Deus Rodrigues Saraiva, de Goães;

—Domingos de Azevedo, de Fiscal;

—Agostinho José Vieira, de Bouro (Santa Maria).

—Maria da Glória Macedo, de Paredes—Carrazedo;

—Maria Antunes, de Lameira—Barreiros;

—Artur Manuel da Cunha, de Lago.

Visado pela Censura

Julgamentos

Na semana finda, efectuaram-se os seguintes julgamentos:

Ernesto Fernando Ribeiro da Cunha, Fernando Almeida da Silva, João Manuel Ribeiro Barreiros, Joaquim Fernando Vilela Ribeiro, todos solteiros, de Bouro e Luiz da Silva Machado, casado, de Figueiredo, todos absolvidos do crime de ofensas à moral.

—Emilia Gonçalves, solteira, Antónia Correia Velloso, casada; Francisco Gonçalves e João Gonçalves, casados, acusados dos crimes de ofensas à moral e ofensas corporais; as mulheres condenadas e os homens absolvidos.

—José de Barros «O Pardelho», casado, trolha, de Ferreiros, acusado de ofensas corporais, foi condenado.

—Em transgressão, respondeu Manuel António Ribeiro Barreiros, solteiro, de Bouro, por falta de carta condução de moto e foi absolvido.

TELEFONES MAIS ÚTEIS DE AMARES

BOMBEIROS V. de Amares . . .	62113
	62141
Câmara Municipal de Amares	62121
Casa de Saúde de Amares . . .	62122
Correios Amares	62116
Caldeias	65116
Delegação de Saúde »	62145
	62127
Farmácias Amares	62124
Feira Nova	3863
Bouro	65121
Caldeias	62115
Guarda Republicana—Amares	18
Hospital S. Marcos—BRAGA . . .	62120
	62117
Feira Nova	3867
Bouro	65120
Caldeias	7118
Entre Pontes	3862
Goães	7117
Rendufe	

RECORTES

(Continuação da 5.ª página)

—De desgosto, coitadinha!

—Desgosto de quê?

—Pela morte do seu pai.

—Então meu pai riorreu também?

—Não senhor, não morreu; matou-se.

—Matou se?

—Sim senhor, enforcou-se; mas o mais vai sem novidade.

—Meu pai enforcou-se?

—Sim senhor; fizeram-lhe uma penhora a todas as fazendas e viu que estava arruinado, que ia pedir esmolas, foi a uma corda e — zas. Mas o mais vai sem novidade, graças a Deus.

Casa do Povo de Amares

Vai ser construída em breve o edifício-sede da Casa do Povo de Amares.

O local dessa construção presta-se, por ser no ponto de ligação entre as duas localidades que formam a nossa vila.

Gripe asiática

Aumenta, com intensidade, a gripe asiática, nesta vila. Há casas onde todas as famílias estão doentes. Esta doença, que se alastra com rapidez, recai em maior número nas crianças, por serem mais fráguas.

Felizmente não há ainda casos a lamentar, mas os seus efeitos são desprestigiados.

HUMORISMO

Era a causa

Voltando do seu passeio ao jardim o prior da freguesia encontra um dos seus paroquianos a quem diz:

—Vi esta manhã a sua mulher na missa e fez-me pena. Tossia de tal maneira que toda a gente olhava para ela. Que é que ela tem?

—Um chapéu novo!

Enviuvou, mas...

Senhora caritativa—tem muitos filhos, pobrezita?

A mendiga—Sim, minha senhora, tenho doze... e o mais novo ainda não tem dois anos!...

—Coitadita! Bem merece ser ajudada.

—É certo... tantomais que sou viúva há mais de dez anos!

Razão forte

Ao chegar a casa, ao fim da tarde, diz o patrão à criada:

—Filomena, na porta espera-o o seu namorado.

—O patrão conhece-o?

—Não, mas vi que usava uma gravata que não encontrei há dias...

Anunciai
na «Tribuna Livre»

Interesses de Entre-Homem e Cávado

(Continuação da 1.ª página)

das instalações fabris de Riba d'Ave, se não fosse a incoerência, a incompreensão e demasiado apego à propriedade privada, que não foi cedida para o efeito.

Poderíamos ter tido instalada a energia eléctrica desde o período renovador do após guerra (1914-18), se tivesse havido um pouco de boa vontade das gerências camarárias de então. O dinheiro das acções que a Câmara possuía nessa altura e que depois, devido à desvalorização, foram liquidadas por soma ridícula, daria para essa medida de alto nível económico, mas segundo se ouviu dizer, as Câmaras foram reservando esse dinheiro para participar um ramal de caminho de ferro que nunca chegou e ficamos a ver... comboios...

Um capitalista importantíssimo quis construir no actual Largo do Dr. Oliveira Salazar um palacete e, por novas incompreensões foi construí-lo em Navarra.

Na altura da grande reparação da estrada nacional, desprezou-se a construção de uma avenida de largo alcance, mesmo político, pelo encargo ridículo de vinte contos de participação às Obras Públicas, mas, posteriormente, gastou-se mais de setecentos contos e endividou-se a Câmara em trezentos e cinquenta contos com a rede de água de uma reduzida área da Vila, quando por pouco mais de uma centena de contos teria remediado o assunto, fazendo a ligação à rede da Feira Nova, já existente e em excelentes condições para o efeito, que além disso ficaria a servir toda a área, ao contrário do que ainda hoje sucede (desde o Bairro de Amares à Igreja da Feira Nova, não há ainda distribuição de água).

Em suma: uma série de distates que citamos, esporadicamente, e que seria fastidioso enumerar; isto, sem que em contrapartida se registasse qualquer melhoramento de vulto, nem qualquer realização saliente no campo económico; o pouco que se fez, foi por imposição da Lei; só em pouquíssimos casos foi devido à iniciativa particular, ao amor à terra, ao interesse pela coisa pública.

Razão assiste portanto, nesta hora, ao povo de Amares, para que tenha esperança em que algo de novo surja no campo da realidade; e essa esperança raiou no céu enevoadado destas terras amorosas de Entre-Homem e Cávado!

Longe de nós o pensamento de querer sugerir um programa de acção, movendo-nos apenas o desejo de, com estas nossas despreziosas palavras, informar a opinião pública sobre quanto é espinhosa a missão dos homens que têm de enfrentar os problemas nesta difícil conjuntura, visto tudo estar por fazer!

Para nós, quase que começa ainda nesta altura a Revolu-

ção Nacional; é com este espírito que se torna necessário fazê-lo compreender nos Altos Poderes!

Amares precisa de um substancial auxílio para que possa refazer-se do tempo perdido que gastou, ingloriamente, como barco à deriva!

Abandonemos, porém, este preâmbulo para entrarmos propriamente no assunto que empreendemos.

Nesta região ubérrima, produzem-se géneros agrícolas de alta qualidade. Os cereais e a fruta, o vinho e o azeite, são produtos que se distinguem entre os melhores.

Há que fomentar a sua produção e aproveitar-lhes o máximo rendimento agro-industrial.

Como? Criando os organismos indispensáveis para fazer ingressar, numa séria valorização, todos os recursos possíveis, com o auxílio do Estado e dos Organismos de Coordenação Económica.

Um problema completamente abandonado (não esquecido, porque já foi lembrado neste periódico), que deveria ser de todos o mais querido neste ramo económico, é o da produção, comércio e industrialização da nossa laranja, produto sem rival em qualquer parte.

A laranja de Amares é a rainha das laranjas!

E' de um delicado sabor agri-doce, característico, que a torna apreciadíssima. A época em que amadurece e o prolongado período em que se conserva na árvore à espera de mercados, a par da sua insuperável qualidade, garante-lhe um valor comercial do mais alto nível.

Mas que importância comercial teriam estes capitosos frutos, se fossem conservados na árvore em bom estado de sanidade por tratamentos adequados e se, antes de os apresentar no mercado, fossem convenientemente seleccionados, limpos, embalados com marca de origem e com todos os cuidados e enfeites como se vê fazer a frutos de baixa qualidade de proveniência estrangeira!!!

E que fazer aos refugos?

E' a solução industrial que resolve este último caso. E resolve não só o aproveitamento dos refugos provenientes da escolha, mas o aproveitamento, mais importante ainda, dos refugos da laranja do chão que se encontra em bom estado sanitário.

Para que fim?

Na obtenção de sumos e extratos concentrados para o fabrico de refrigerantes e preparação de medicamentos, para as indústrias químicas e de perfumaria e até para a confecção de alimentos vitaminados. O próprio bagaço seria utilizado para alimentação dos gados, para estrumes, etc.

Que riqueza se perde anualmente!!!

Que excelente farinha para animais, a mistura dos baga-

ços da laranja, da azeitona e do vinho, combinados com a farinação de palhas de cereais e mesmo da lenha de vide farinação, que toda a gente despreza!

A farinação destes quatro principais sub-produtos dos nossos quatro principais géneros agrícolas, seria ainda um óptimo contributo para o aumento da pecuária, outra riqueza que está em grande atrazo entre nós!

Com alimentos baratos e vitaminiados como estes, para o gado, teríamos a base necessária para o fomento do armento e, conseqüentemente, das indústrias de laticínios, que poderiam também levar-se a cabo.

Que riqueza perdida!!!

Mas além da laranja é inegável que possuímos outros frutos excelentes para utilizar em compotas e conservas, outro importante ramo industrial a explorar entre nós!

E que maravilhas se poderiam fazer também com o nosso vinho verde!

De todos é sabido a crescente aceitação dos vinhos verdes engarrafados nos mercados nacionais e estrangeiros.

Os nossos mostos de vinho verde, quando bem tratados, não têm rival, pelo seu admirável «bouquet» e pelas características próprias que o tornam apreciado e invejado em todo o mundo aonde chega, como o melhor vinho de mesa.

Pois em Amares produzem-se, mesmo sem preparação técnica, vinhos verdes dos melhores.

Temos vindo a pisar sobre brasas, como quem diz, com a ligeireza que este já longo artigo exige, mas não queremos terminar sem voltar a referir-nos àquele outro substancial empreendimento que foi tratado nas colunas deste semanário, em três artigos sucessivos, ou seja: o aproveitamento das águas remanescentes da Albufeira de Caniçada.

E' uma obra de fomento que se não pode esquecer, sempre que estejam em voga problemas económicos deste Concelho, ou mesmo desta região.

A série de problemas que temos vindo a apontar e que se relacionam com a vida agrícola «interâmica», poderiam resolver-se, na sua maioria, com a criação da **Cooperativa Agrícola de Entre Homem e Cávado**, que abrangeria os concelhos de Amares e Terras de Bouro, especialmente para os casos das **Frutas, Olivicultura** e aproveitamento dos referidos **sub-produtos dos cereais, vinho, azeite, laranja**, e até para os **laticínios**.

Não se julgue que seria muita actividade para uma só organização. O estudo do problema conduziria certamente a esta unidade económica.

Quanto ao **vinho**, como se sabe, a solução está nas ade-

O homem e o número

(Continuação da 1.ª página)

que vem avançando de assustadora maneira. E o seu avanço tem-se dado na razão directa do declínio social.

Ora, nesse próximo tempo—no Ano dois mil—o Homem será apenas uma unidade, que faz parte do imenso arquivo automático da Técnica, não admitindo por principio e por necessidade, montada a sua engrenagem, outra mnemónica que não seja a do número.

Temos, pois, para nós, que o futuro do mundo não será mais que um conjunto de unidades, com desprezo absoluto pela personalidade que, a impor-se, será colocada ainda num lote catalogado, cujo algarismo dirá aos técnicos qual a sua eficiência ou deficiência.

Assim, o Homem ficará reduzido à sua espécie, num avanço sempre rápido, para melhor é certo, mas dentro de um regime colectivo que o distinguirá apenas por um número e nada mais.

Contra este reagir feroz e natural da Técnica, há que opor um dique. O Espírito não pode fenecer em face dos tremendos e velozes talentos técnicos. Para isso a necessidade de exortar os novos a compreenderem que, mais que a materialidade, existe o Eu, a fibra-base do ser humano que, é

gas cooperativas, cujo plano se encontra em execução.

Os cereais teriam a sua máxima medida de fomento na construção de obras de irrigação, como o aproveitamento das águas da Caniçada e outros, para as quais se deve chamar a atenção da Junta de Colonização Interna, mas o programa cooperativo poderia também resolver este assunto, como já não é a primeira vez que se faz no nosso País.

Tínhamos já, em 1956, 253 cooperativas (contra 8 apenas em 1925), de entre as quais as de Rega.

Vamos fazendo estas comparações estatísticas, já que estamos em período eleitoral...

Perguntaremos para terminar.

Quem poderá realizar obra tão importante e tão necessária?

O Grémio da Lavoura e a Câmara Municipal, em íntima colaboração com iguais organismos do concelho de Terras de Bouro.

Pomos a melhor esperança em dois homens dinâmicos e cheios de boa vontade que ocupam, presentemente, lugares de responsabilidade dentro daqueles Organismos, por feliz coincidência, com cultura universitária relacionada com as ciências agronómicas e económico-financeiras, ou sejam: os Ex-mos Presidentes da Câmara Municipal e do Concelho Geral do Grémio da Lavoura de Amares.

Devem ser ajudados por todos os amarenses de boa vontade, para que a esperança se traduza em realidade, em proveitosa certeza, mesmo em exemplo a seguir.

preciso desenvolver, prosseguir e alimentar em consubstanciada Razão, sem um mínimo de desfalecimento.

Se o mundo, levado pela sincera singularidade material, continuar a evoluir deste modo, amanhã os novos serão apenas a pusilânime unidade de que falava o senhor professor do nosso tempo.

Que os novos se recordem disto e ponham um travão ao Pegaso catastrófico que parece ter tomado conta do mundo, em pleno século XX.

O ACTO ELEITORAL

(Continuação da 1.ª página)

pode abandalhar um jornal sob pena de o inferiorizar e o fazer perder o respeito que lhe é devido.

A causa de muitas coisas não serem criticadas reside muitas vezes no facto dos homens não saberem ser claros e não possuírem a ombridade de aparecer de frente. Noutros casos é a cobardia que permite que se fale nos cafés mas que não deixa que se exponham os casos ao publico.

Há ainda casos, e temo-los cá, em que a causa é a esperança de soluções justas que a honestidade administrativa há-de impôr e que por se divisarem breves se toleram.

Em suma: somos todos a querer que a censura se possa dispensar, mas nem todos a querer que ela desapareça sem as condições prévias que urge remediar, pois que sem elas é precisa e útil.

Para já é preciso repôr a verdade e ela diz-nos que a censura nos têm permitido a critica, mesmo incisiva e violenta.

Quanto a nós duas coisas ficaram sem contestação no ambiente acalorado da discussão: a paz em que vivemos e os benefícios materiais que a Nação tem recebido.

Mas embora contestados outros problemas surgem de cima a poderem permitir uma decisão «no despacho saneador»: a liberdade de culto, o respeito pela lei, o prestígio internacional do nosso País, a defesa da nossa integridade territorial no Ultramar, a protecção aos trabalhadores e a honestidade dos órgãos do Estado.

Ao de cima, voando numas alturas a que ninguém pega, ficou o nome de Salazar. Na verdade a história dificilmente registará casos deste género.

Assinai e propagai

A

«Tribuna Livre»

EME

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continua na 1.ª página)

entrar em (3.ª fl.) em batalhas, campos, retos, escaramuças e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra, e da pax, e assim as podera trazer em seus firmas, aneis, senetes, e devizas pollas em suas cazas e ideoçios, e deichallas sobre sua propria sepultura, e finalmente se podera servir, honrar, gozar, e aproveitar dellas em todo e por todo como a sua nobreza convem. Com o que quero e me pras que haja elle todas as honras, pre- villégios, liberdades, graças, mercês, izenções e franquezas que não, e devem haver os fidalgos nobres e de antiga linhagem, e como sempre de todo uzarão e gozarão os ditos seus antepassados. Pello que, Mando a todos meus Dezembargadores, Corregedores, Juizes, Justicas, Alcaydes, e em especial aos meus Reys d'armas, Arautos, e Paça vantes, e a quaisquer outros officiaes e pessoas a quem esta minha carta for mostrada, e o conhecimento della pertencer que em todo lha cumprão e guardem, e fação cumprir e guardar como nella he conthendo sem duvida nem embargo algum que em ella lhe seja posto por q. assim he minha mercê. El-Rey N. S. o mandou por Manoel Pereyra da Silva seu Rey d'armas Portugal. Frey Manoel de Sancto Antonio da ordem de S. Paulo e Reformador do cartorio da nobreza: a fes em Lisboa aos vinte e três dias do mes de Agosto do Anno de mil sete centos quarenta e oito. E eu (subscrita pelo próprio) Hyllario da Costa Barreyros, Telles, cavalleyro da caza de sua Mag. de e proprietario do off.º de escrivam de Nobreza nestes Reynos, e Senhorios de Portugal, e suas conquistas, a subscrevi. (a)—P. Rey d'armas, P. al-Fica registado este Brasão de Armas, no L.º duodécimo as fls. 92. Lisboa, vinte e quatro de Agosto de 1748. (a)—Hyllario da Costa Barreyros Telles. Fica Registado no Livro d'armas deste concelho de entre homen e quavedo a fls. setenta e cinco por diante por mim Antonio Sarayva da Silva escrivam da camera e Almotaceria e para constar me assigno hoje em Amares, de Março 2 de 1750. (a)—Antonio Sarayva da Silva. Fica registado no Livro da Camera da villa da ponte da Barca a fls. 147 por diante, em 23 de Abril de 1751—(a)—João Villar...?

Os Silvas procedem, como os Vasconcelos, da dinastia asture-leonesa, pelo lado daqueles também famosos guerreiros e alcaides, que foram, a par dos *Ordonhos* e dos *Osórios*, os *Guterres*, e os *Alderetes da Silva*, que assim se apelidaram do seu primitivo solar que foi na freguesia de Silva, do concelho de Barcelos.

Ao tempo de Afonso VI de Leão, era seu «adiantador» nestas terras o rico-homem D. Paio Guterres da Silva que fundou o mosteiro de Tibães; com Afonso II de Portugal, o poderoso arcebispo de Braga, D. Estêvão Soares da Silva, encontra-se na brecha das contendas entre a nobreza e a coroa, às quais se seguiu a deposição de Sanches II.

Esta Família teve o seu cronista, Don Luiz de Salazar e Castro, na "História de la Casa de Silva". Porque era verdadeiramente nobre, o povo, no seu espirito de imitação, adotou largamente este apelido, que teve em Portugal a vasta projecção que se conhece.

Presentes à vista outros importantes documentos e escrituras respeitantes à fábrika, culto e bens vinculados à primitiva ermida de Santo António:

1.º Em data de 8 de Dezembro de 1739, o Padre António Antunes da Silva, da mesma Casa e lugar, alega que a capela se achá «em grande perigo de arruinar-se», e deseja reedificá-la. Não é preciso melhor testemunho da sua muita antiguidade. Consta de documentos, que agora não foi possível encontrar que o nicho de S. to António já havia ruído em 1665 e que o altar actual, Renascença, veio da igreja da Portela.

2.º— Já reconstruída, em 8 de Agosto de 1740, pede licença para celebrar missa nela e fazer a festa do Santo com procissão, até ao mês das almas (novembro). Segerem-se as niquirições do estilo e uma escritura de dotação feita em 29 de Agosto de 1658.

3.º O mesmo padre António Antunes da Silva require e obtém da Corregedoria de Viana da foz do Lima um traslado da mesma escritura de dotação.

4.º De— 1782 a 84 vários documentos pelos quais se pode reconstituir a história de uma questão, porque António Fernandes Ferreira, da mesma Casa obtida procrição régia, entestou na sua capela as paredes que impediam o circuito da mesma.

Intervio o rev. visitador, cónego José da Silva, que no «Livro dos Capítulos», ordenou a sua total demolição.

Provada que foi a posse do terreno circundado e também da própria ermida, que seus antepassados haviam edificado e dotado, ficou afinal sem efeito aquela capitulação.

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

Uma sessão Nacionalista em Vila Verde

Vila Verde, 27—Promovida pela União Nacional, realizou-se na sala das Sessões da Câmara Municipal, uma sessão de propaganda eleitoral, para apresentação dos candidatos a deputados pelo distrito de Braga.

À mesa de honra presidiu o chefe do distrito de Braga que estava ladiado, à direita, pelos srs. Drs. Santos Ferreira, em representação de seu tio Dr. António dos Santos Ferreira, presidente da Câmara, retido no leito, doente, Augusto Cerqueira Gomes, deputado proposto, António Santos da Cunha, presidente do Município Bracarense, Euclides de Barros, capitão do exército e comandante da policia de Braga, e à esquerda pelos senhores Drs. Francisco António Gonçalves, presidente da comissão concelhia da U. N., António Ribeiro Guimarães, Sub-Delegado de Saúde em Vila Verde, António Corais, presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro; Dr. Adelino Martins Aires, Conservador do Registo Civil de Vila Verde, Dr. Olindo Casal Pelayo, Director da Escola do Magistério Primário de Braga e Dr. Alberto Azambuja, deputado proposto.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. Dr. Francisco António Gonçalves, presidente da Comissão Concelhia da U. N., que, disse congratular-se com a nomeação do sr. Dr. Abranches, para Governador do distrito de Braga, escolhida que o Governo fez acertadamente, pois em nenhuma outra pessoa podia recair tão merecedoramente, por sua Ex.ª ser um bracarense ilustre e conhecer de perto as necessidades do distrito. E mais adiante. Não é minha intenção vir aqui dizer mais do que está dito, mas quero lembrar alguns dos destinos na administração pública do tempo dos oposicionistas como seja a falta de marinha de guerra e mercante e o descrédito que em Portugal vivia anterior ao 28 de Maio.

A finalizar pediu que o acompanhassem num viva a Salazar e à Pátria, no que foi correspondido por toda a assistência.

Falou em segundo lugar, o

sr. Dr. Santos Ferreira, em representação do sr. presidente da Câmara, por se achar doente, que disse, ter a Câmara a subida honra de ter recebido o sr. Governador Civil, assim como todos os presentes, que ali foram tributar ao sr. Governador o seu reconhecimento pela sua investidura em tão alto cargo.

Depois foi dada a palavra ao sr. dr. Manuel Freire de Andrade, que depois de ter feito a apologia do Estado Novo, disse: Vão realizar-se as eleições com duas listas; uma da U. N. e outra da opposição, a da U. N. não precisa de comentários. A da opposição só serve para tentar a desunião do Português.

Seguidamente foi dada a palavra ao deputado proposto, Dr. Alberto Azambuja, que depois de ler um bem organizado discurso em que põe em confronto duas intellectualidades opostas e a autoridade do homem, aconselha o eleitorado de Vila Verde a votar em Salazar.

Depois foi dada a palavra ao sr. dr. Olindo Casal Pelayo, que num brilhante improvisado, falou dos governos de Portugal, para que se não deixassem encantar por cantos de sereia, que quase sempre eram nocivos da doutrina cristã e dos bons princípios Nacionalistas.

Por último, foi dada a palavra ao sr. dr. Augusto Cerqueira Gomes, deputado proposto, que em óptimo improvisado, focou a vida politica da Nação antes do 28 de Maio de 1926, e a obra do Estado Novo, e terminou por aconselhar o eleitorado de Vila Verde a votar em Salazar.

Fechou a série dos discursos, o Chefe do Distrito, que se congratulou com o inconfundível nacionalismo do concelho de Vila Verde, enalteceu as qualidades de politico do sr. dr. Francisco António Gonçalves, e teve palavras de louvor—para um novo—o dr. Fernando Adelino Ferreira, pressagiando-lhe um futuro brilhante na sua carreira de médico e homem público. A terminar, levantou um viva à Pátria, Salazar e Estado Novo, no que foi correspondido por

toda a assistência com uma prolongada salva de palmas.

Doente

Já se encontra em franca convalescência o nosso amigo e assinante, Eduardo Loureiro, digno official de diligências, do Juizo desta comarca, depois de ser atacado de um grave colapso cardíaco, seguido de uma bronco-pneumonia, que o teria prostrado, se não fosse a intervenção rápida e inteligente do Dr. António Ribeiro Guimarães, muito digno Sub-Delegado de saúde, deste concelho.

P.e Manuel António Caridade

RIO MAU

Foi transferido para a freguesia da Loureira, deste concelho, o nosso presado amigo Rev. Padre Manuel António Caridade.

«Tribuna» de Vila Verde, cumprimenta o Rev. P. Caridade pela sua colocação na freguesia da Loureira, pois assim, está mais perto de seu querido pai e irmãos, no que deve sentir-se mais feliz.

Gripe asiática

Alastra assustadoramente este surto gripal, que traz a população num sobressalto constante. Os médicos não têm parança e as farmácias não têm mãos a medir.

Felizmente que não há casos fatais a registar.

Novo assinante

Temos o prazer de indicar como nosso assinante, a contar do próximo número, o nosso amigo José António Gonçalves de Araújo, digno sollicitador em Vila Verde.

Lêde e assinai «Tribuna Livre»

TIPOGRAFIA



Tel. 62113

AMARES

PAPELARIA

DE
LIVROS
REVISTAS
DIÁRIOS DO
GOVERNO
E
TODA A
ESPECIE
DE
ENCADERNAÇÕES
DE
LUXO
OU
CORRENTES

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros